

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Thaís Viacelli Biolchi

JORNALISMO E MEMÓRIA:
O RESGATE DE ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS EM
PRODUÇÕES DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Passo Fundo

2015

Thaís Viacelli Biolchi

JORNALISMO E MEMÓRIA:
O RESGATE DE ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS EM
PRODUÇÕES DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Ms. Fabio Luis Rockenbach.

Passo Fundo

2015

Depois de tanto escrever e pensar sobre a memória, uso ela para lembrar de todos àqueles que passaram pela minha vida durante os quatro anos de faculdade e que de alguma forma, contribuíram com esta etapa.

Obrigada, mãe! Obrigada por ser minha psicóloga, minha médica, minha professora. Obrigada por me trazer tranquilidade quando eu estava aflita, conhecimento quando eu tinha dúvidas, por me dar amor em todos os momentos. Obrigada por todas as vezes que foi paciente comigo e também pelas vezes que não foi (eu merecia cair na realidade). Você é a responsável por essa conquista.

Obrigada, pai! Obrigada por ser esse cara durão, determinado, persistente e me fazer ser assim, também. Somos mais parecidos do que aparenta. Agradeço por ter herdado a tua garra. Sem o teu apoio esse caminho teria sido muito mais difícil.

Paula e Renata, minhas irmãs, antes de mais nada, eu amo vocês. Obrigada por existirem e fazerem da minha vida muito mais divertida. Obrigada por compartilharem todos os momentos comigo, inclusive a produção da monografia. Vocês devem estar felizes que eu terminei.

Obrigada, professor Ms. Fabio Rockenbach! Obrigada por encarar a missão de me orientar durante a monografia, mas principalmente, obrigada por esses quatro anos de aprendizado.

Obrigada, Núcleo Experimental de Jornalismo e a todos que pude conviver naquele espaço! Vocês foram os responsáveis pelos meus melhores momentos como estagiária e acadêmica. Foram dois anos de intenso aprendizado. Estendo meus agradecimentos ao Grupo Diário da Manhã e à Câmara de Vereadores de Passo Fundo, pela oportunidade que me concederam.

Aos amigos, me perdoem por estar distante durante a produção monográfica, mas sei que fui compreendida. Obrigada pela parceria de sempre, pelo apoio e motivação que me deram. Obrigada aos que mesmo longe participaram desta etapa. Vocês são os melhores amigos que eu poderia ter.

Por fim, obrigada Deus! Obrigada pelos melhores quatro anos da minha vida. Obrigada por me permitir viver toda essa loucura que é ser acadêmica e principalmente, ao lado de pessoas maravilhosas. Valeu!

“Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.” (*Walter Benjamin*)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa visa compreender como a memória é utilizada pelo jornalismo a partir dos critérios de seleção criados por Patrick Charaudeau. Busca-se identificar a presença do resgate histórico do Holocausto, um dos acontecimentos mais relevantes do século XX, nas produções midiáticas do Jornal Folha de S. Paulo. Para a realização desta pesquisa, será utilizada como objeto, 7 produções do Jornal Folha de S. Paulo, representativas de 7 décadas. Autores como Pierre Nora, Jacques Le Goff e Christa Berger conduzem a pesquisa a cerca do uso da memória no jornalismo, enquanto que, Charaudeau trata sobre o acontecimento que vira notícia e seus critérios de seleção. Ao final, por meio de uma análise de conteúdo, levando em conta as reflexões de Charaudeau, identificamos os principais critérios que levaram o Jornal Folha de S. Paulo a rememorem acontecimentos passados que são o potencial de saliência, a noção de atualidade, o valor simbólico e por fim, a proximidade espacial.

Palavras-chave: Jornalismo, Memória, Holocausto, Folha de São Paulo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matéria publicada em 1955	31
Figura 2 – Matéria publicada em 1965	32
Figura 3 – Matéria publicada em 1975	33
Figura 4 – Matéria publicada em 1985	35
Figura 5 – Matéria publicada em 1995	37
Figura 6 – Matéria publicada em 2005	39
Figura 7 – Matéria publicada em 2015	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Uso das categorias de Charaudeau	43
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	MEMÓRIA, MÍDIA, HOLOCAUSTO	11
2.1	Memória	11
2.2	Memória individual e coletiva	12
2.3	História e memória	13
2.4	Lugar de memória	15
2.5	Jornalismo e memória	17
2.6	Mídia e Holocausto	18
3	O ACONTECIMENTO: CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	21
3.1	O acontecimento	21
3.2	Noção de atualidade	24
3.3	Proximidade espacial	24
3.4	Potencial de saliência	25
3.5	Valor simbólico	26
4	ANÁLISE DE REPORTAGENS	27
4.1	Metodologia de pesquisa	27
4.2	Seleção de matérias	28
4.3	Resultados da análise	30
4.3.1	Matéria 01 – 1955	30
4.3.2	Matéria 02 – 1965	32
4.3.3	Matéria 03 – 1975	33
4.3.4	Matéria 04 – 1985	34
4.3.5	Matéria 05 – 1995	36
4.3.6	Matéria 06 – 2005	38
4.3.7	Matéria 07 – 2015	40
4.4	Pós-análise	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

1 INTRODUÇÃO

Nunca o depósito de memória social esteve tão fácil e rapidamente disponível à sociedade a ponto de envolvê-la no processo de rememorar acontecimentos. Da mesma forma, o Jornalismo nunca esteve tão centralizado nesta relação. Nas mídias, uma notícia pode prolongar-se no tempo: as greves, um conflito, um caso de corrupção. Desta maneira, o acontecimento histórico deixou de ser propriedade da História e deu espaço para as produções da cultura de massa.

Mas por que lembrar? Por que recordar? Foi a partir destas perguntas, que as narrativas do Holocausto deram origem à literatura de testemunho, à política de memória e à memória midiaticizada. O escritor Jacques Le Goff (2010, p. 147), quando se refere à questão antissemita, diz que “não haverá uma boa Europa sem memória; memória dos seus crimes, e, de todos, este foi o mais horrível”. Para o Jornalismo, a memória é um manifesto cultural e político e a partir dela tem-se a responsabilidade de informar o que passou para que não se repita.

A cultura midiática se apropria do passado pelo que ele tem de potencial espetacular, de matéria-prima midiática. A segunda guerra mundial apresenta tal potencial. Durante muito tempo, os direitos humanos foram violados nos países onde a grande guerra se concentrou e a partir disso, uma imensidão de conteúdo midiático foi criado, entre filmes, documentários, livros e conteúdo jornalístico. Os efeitos causados, principalmente, pela Alemanha nazista, refletiram no mundo inteiro.

A narrativa construída pela relação entre jornalismo e memória liberta o silêncio e faz a experiência vivida no acontecimento se expandir através da linguagem. A memória sendo expressa pelo jornalismo coloca em primeiro plano a tensão entre lembrar e esquecer, já que o registro do sofrimento vivido é ato curativo, principalmente pelas vítimas do Holocausto. Num jornal impresso, a notícia é manejada com pormenores e explora os acontecimentos do passado, não só pelo potencial espetacular, mas para a lembrança ter utilidade no presente.

O Jornalismo, a memória e o Holocausto serão os norteadores desta pesquisa que buscará identificar qual foi a relevância que o tema recebeu na imprensa brasileira e como ele foi abordado. Para isso, será construído um histórico das transformações da relação entre

memória e Jornalismo, analisando como o aparecimento de novos atores ou o surgimento de alguma nova informação pode provocar o reaparecimento do passado.

No primeiro capítulo, Christa Berger, Pierre Nora, Jacques Le Goff, Adriano Duarte Rodrigues, Walter Benjamin entre outros, orientarão os estudos a cerca do jornalismo como registro histórico. Prática social que preserva a memória. E também, questões relativas à história da Segunda Guerra Mundial e o fenômeno do Holocausto, caracterizado pela perseguição de judeus. Nesta etapa, autores como Huysen, que traz informações sobre a rememoração do Holocausto e seu emprego pela mídia e Zygmunt Bauman, que abre a discussão sobre as causas do fenômeno conduzirão a pesquisa. No capítulo seguinte, Charaudeau indicará o processo do acontecimento se tornar notícia a partir de critérios de seleção

Para tanto, a pesquisa será desenvolvido a partir de uma amostragem de 7 reportagens jornalísticas do Jornal Folha de São Paulo representativas de 7 décadas. Cada conteúdo será referente a uma década desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Como fim da Segunda Guerra na Europa – a guerra prosseguiu com o embate entre EUA e Japão - entenderemos a data de 27 de janeiro de 1945, ocasião em que os prisioneiros do campo de extermínio nazista Auschwitz, foram libertados.

A pesquisa terá como subsídio uma pesquisa bibliográfica, a partir de leitura e fichamento das produções midiáticas. As reportagens veiculadas pelo Jornal Folha de São Paulo passarão por análise de conteúdo e através de investigação de eventos passados será desenvolvida uma pesquisa analítica histórica.

2 MEMÓRIA, MÍDIA, HOLOCAUSTO

O capítulo inicial desta pesquisa busca explicar os usos da memória tanto no jornalismo como na história. Haverá uma breve explicação sobre as memórias individuais e coletivas e ainda, sobre a responsabilidade do jornalismo no tratamento da memória. Será abordado também, as relações da mídia com o acontecimento jornalístico Holocausto.

2.1 Memória

Lembrar é ato inerente da condição humana. Há tantas memórias quanto grupos existentes e da mesma forma, há múltiplas e diferentes lembranças para cada acontecimento (HALBWACHS *apud* NORA, 1984, p. 15). A política de memória acompanha a narrativa de testemunhas que viveram situações históricas merecedoras de lembrança e problematização. Mas pensar a “função” da memória é colocar em primeiro plano a tensão entre lembrar e esquecer, pois afinal, por que rememorar situações? (BERGER, 2008, p. 23).

Lembrar ou esquecer? Lembrar para exigir reparação? Lembrar para não deixar que o acontecimento traumático se repita? Lembrar para elaborar a dor? Lembrar para dar o protagonismo à sua vivência? Lembrar para não deixar o outro esquecer? Ou esquecer para não ter o dever de lembrar? (BERGER, 2008, p. 22)

Em seu consagrado livro *Magia e técnica, arte e política*, Walter Benjamin (1994, p. 37) escreveu que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. Percebe-se assim, a necessidade de além de rememorar o fato vivido, ressignificá-lo para situações futuras.

Para Nora (1984), a memória emerge de cada grupo que a une, ela está em cada detalhe e se alimenta de cada vaga lembrança. A memória se enraíza no concreto, está no espaço que foi gerada, no gesto praticado, na imagem eternizada, ou no objeto o qual foi testemunha do fato. Ainda, por natureza, ela é múltipla, coletiva e individualizada e por isso, a memória não é algo pronto e acabado, é um fenômeno eternamente atualizável, sempre

formada “pelos atores do presente, com base num repertório passado e com vistas a um futuro imaginado e desejado” (CHARAUDEAU, 2006, p. 02).

Para Palácios (2010), nos sentimos compelidos a guardar as imagens do presente devido à velocidade de nossos tempos que exigem emergência no registro de novos fatos. Apesar da instantaneidade e da velocidade com que esses novos fatos perdem lugar para acontecimentos mais recentes, a memória é um fenômeno cultural que caracterizou o final do século XX e hoje, acentua o século XXI. Berger (2008) destaca que o Holocausto é considerado o acontecimento-limite do século XX e, por tudo o que significa, é o fundador da literatura de testemunho, da política de memória e da memória midiaticizada. Memória usada como artimanha do presente no processo de lembrar e esquecer e que serve como projeção do que virá. (MARTINUZZO, 2015, p.01).

Como resultado desse *boom* da memória, deu-se origem a uma intensa criação de mercados da memória, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz ou pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pelas superstições e pelo respeito ao passado (NORA, 1984, p. 15).

2.2 Memória individual e coletiva

A memória procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Jacques Le Goff (1924, p. 471) escreveu que “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. Ela é um elemento essencial na busca de identidade individual ou de um grupo que compartilhe experiências. Na ânsia de buscar sentido e identidade através da rememoração, Martinuzzo (2015) destaca que o passado pode ser observado e narrado de diferentes formas já que um fato concreto pode suscitar memórias individuais e coletivas.

Enne e Tavares (2015, p. 05) conceituam memória individual como “um ponto de vista sobre a memória coletiva, lembrança que muda conforme o lugar que algo ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Já para se ter uma memória coletiva, as autoras escrevem que é preciso relacionar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como “proprietário daquela memória”.

Para Halbwachs (*apud* ENNE, 2004, p. 102) não existe memória puramente individual, visto que todo indivíduo está interagindo e sofrendo a ação da sociedade. É preciso não esquecer que as lembranças, apesar de pertencerem e serem parte da identidade do indivíduo, não as torna únicas e individuais. Nesse mesmo pensamento, Pollak (1989, p. 9), explica que a memória é “uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”.

Martinuzzo ressalta que:

[...] importa destacar que a memória é sempre um processo coletivo, pois mesmo aquela mais peculiar a cada indivíduo se compõe de elementos constituídos socialmente e da mesma forma recuperados das sombras do que passou pelo foco de luz acionado por estímulos comunitários. Tanto na sua matéria-prima como na sua motivação, a memória é obra da coletividade, mesmo que seja individual. (MARTINUZZO, 2015, p. 01)

Sendo a memória, por natureza, múltipla, para tantos passados relatados sempre haverá os relatos convergentes, conflitantes ou contraditórios, não existindo, portanto, harmonia de versões, nem tampouco história definitiva, versão fechada e acabada de fatos históricos (PALACIOS, 2010, p. 41). Enne e Tavares (2015, p. 02) comentam, que o discurso oral dos moradores mais antigos e de personalidades locais, ou ainda em fontes documentais, são discursos memorialísticos produzidos em uma determinada região e em cada indivíduo a memória faz lembrar e esquecer diferentes fragmentos da história.

2.3 História e memória

Renato Ortiz (*apud* ENNE, TAVARES, 2015, p. 1), declarou, também, a respeito do século XX, que este seria o “século das descobertas dos tempos”. Tal fenômeno faz Nora questionar que tipo de memória está em uso. Para ele, a verdadeira memória, hoje está abrigada no “gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de impregnação e os saberes reflexos”. Em contrapartida, haveria uma memória transformada por sua passagem na história. Tendo sofrido as consequências dessa passagem, a memória/história é analisada, vivida como um dever e não mais espontânea (NORA, 1993, p. 13).

A História, como disciplina acadêmica, contribui com o desenvolvimento da cultura da memória. Porém, essa representação do passado pela história, demanda análise e discurso crítico. Para Nora (1993, p. 9), a “história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. Ele escreve que a memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. Palacios compartilha dessa ideia, dizendo que a memória deixa de ser memória para ser provisória verdade histórica, que vai durar até a próxima apropriação, até a próxima interpretação (2010). Para Pierre Nora,

[...] esse arrancar da memória sob o impulso conquistador e erradicador da história tem como que um efeito de revelação: a ruptura de um elo de identidade muito antigo, no fim daquilo que vivíamos como uma evidência: a adequação da história e da memória (1993, p. 08).

O autor diz ainda que memória e história estão longe de serem sinônimos e que uma opõe a outra: “a memória é a vida, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” e por ser carregada por grupos vivos é vulnerável a todos os usos e manipulações (1993, p. 09). Para Sodré (*apud* PALACIOS, 2009, p. 39), a história seria a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais e por sua vez, a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. A história como representação do passado “é introduzir a dúvida no coração, a lâmina entre a árvore da memória e a casca da história” (NORA, 1984, p. 10).

Apesar dessa relação conflituosa, ela foi fundamental na consolidação de uma identidade nacional. No entanto, com o passar do tempo, a História foi perdendo o papel central na construção da memória com a inserção das tecnologias de comunicação. Enne e Tavares (2015, p. 3) citam que a mídia passou a ser a principal testemunha da história.

Christa Berger comenta, que a história ofereceu pistas para uma apropriação extra disciplinar da memória:

O acontecimento histórico deixou de ser propriedade da História. A Cultura de Massa também produz uma narrativa da História, e o passado vai sendo disputado pela Universidade e pela Indústria Cultural. Ambas competem pelos sentidos do passado. A Cultura Midiática é orientada por uma lógica presenteísta, do instantâneo, do aqui e agora, e se apropria do passado pelo que ele tem de potencial espetacular, de matéria-prima midiática (2008, p.25).

Nesse sentido, percebe-se a intrínseca relação entre os discursos midiáticos e a produção da memória. Os jornais, como produtos da comunicação de massa, são fundamentais na materialização das memórias e na construção de identidades sociais na sociedade contemporânea. O Jornalismo por ser espaço de produção da atualidade e igualmente lugar de memória é: “produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica” (PALACIOS, 2010, p. 39-40). Assim, vira ator importante no uso da memória tanto quanto o que se encontra nos livros e museus.

2.4 O jornal como lugar de memória

Por ocupar um lugar privilegiado como formador de opinião e armazenador da memória social, Pierre Nora (1993, p. 21) diz que jornais podem ser pensados como “lugares de memória”. Para ele, esses espaços nascem da consciência que não há memória espontânea e para que essa tradição de lembrar não se perca, é preciso um lugar que ancore as lembranças. A criação de arquivos, a celebração de datas preservaria memórias que hoje já não são naturais.

Esses lugares em que perdura-se a memória, podem ser pensados em três sentidos: material, simbólico e funcional. O autor diz, que mesmo um lugar de aparência puramente material, só é lugar de memória se recebe uma aura simbólica. Um livro, mesmo sendo um lugar puramente funcional, só é lugar se for objeto de um ritual. E um extremo de representação simbólica, como um minuto de silêncio, “é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança”. Sentidos que agem simultaneamente, somente em graus diferentes (1993, p. 21-22).

Em sua conceituação, Nora cita também, possíveis classificações dos lugares de memória. Entre eles, lugares portáteis - como tábuas da lei – topográficos - que devem tudo a sua localização - lugares turísticos, monumentais ou lugares arquiteturais. Apesar de desenvolver certa classificação, o autor não se preocupa com tal, sendo que é possível refinar as categorias (1993).

Além de arquivamento, preservação e representação, os lugares de memória propiciam a produção de memórias contemporâneas. O jornalismo se utiliza dos acontecimentos e das lembranças passadas e renova-os, possibilitando novas interpretações. Para Nora, valoriza-se mais o novo do que o antigo, o futuro do que o passado, porque a produção jornalística iminente é para o leitor do presente e que visa o futuro. O autor diz ainda, que “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (1993, p. 22).

Contrariando o senso comum, que se utiliza da expressão “*o jornal de ontem só serve para embrulhar peixe*”, para insinuar a inexistência de memória no jornalismo, o autor Marcos Palacios lembra, que o jornal também ocupará, com o passar do tempo, um espaço passivo nas bibliotecas. E, servirá de material de consulta para uma nova representação do passado (2010, p. 38).

Martinuzzo compartilha a ideia dizendo que “a comunicação como agente ativo no processo histórico deixa vestígios, marcas e conteúdos ao longo da trajetória socioeconômica e cultural da humanidade, sendo, portanto, elemento potencial de memória”. Percebe-se dessa maneira, que a comunicação é muito mais do que um lugar de preservação da memória, mas é memória pura e permite também, “espaço para que se estabeleçam ou se articulem elementos importantes para a identidade coletiva” (2015, p.3-4).

Para tanto, Le Goff (1992, p. 471) estabelece que o Jornalismo como lugar de memória estaria representado por um “profissional científico da memória”, o jornalista. Ao lado de antropólogos, historiadores e sociólogos, o profissional se torna testemunha da memória de toda cultura humana. Os jornalistas, como outros profissionais científicos da memória, preservam discursos e, preservando-os, legitimam o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Esta expressão ainda carece de definição precisa

Ao passo que Jacques Le Goff (1992, p. 471) defende, que cabe “aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”, Anne e Tavares sugerem que:

Eternizar um dado momento através da escrita é, sob certo aspecto, "domesticar e selecionar a memória", de acordo com autora Marialva Barbosa. Ao selecionar o que deve ser lembrado e ao esquecer o que deve ficar em zona de sombras e silêncio, os jornais tornar-se-iam também senhores de memória, complementa Barbosa (ENNE, TAVARES, 2015, p. 06).

2.5 Jornalismo e memória

Esse uso, que possivelmente domestica a memória, entra em ação de maneira rotineira nas produções da comunicação. Relatos servem como ponto de comparação do presente com o passado - sejam localizados em um passado recente ou mais remoto – possibilitam realizar analogias, “ou mesmo através da apresentação do presente como elemento para desconstruir e tornar a construir, sob a luz de novos fatos, os acontecimentos do passado” (PALACIOS, 2010, p.42). Palacios lembra, que “no jornalismo impresso moderno foi sempre comum a publicação de pesquisas, baseadas em informação de arquivo, que complementam, ampliam ou ilustram o material noticioso corrente” (2010, p.45).

Um olhar sobre o próprio processo do fazer jornalístico revela que, em inúmeras ocasiões, o recurso à memória na produção dos conteúdos jornalísticos é evidente. O acionamento da memória é condição de produção em peças jornalísticas de caráter comemorativo (aniversários de eventos ou pessoas) e naqueles em que o fato presente está sinalizando um fim de trajetória, como nos obituários, por exemplo. [...] Ainda mais evidente está o recurso à memória nas reportagens-sínteses, nas retrospectivas dos fatos marcantes do ano, inevitáveis a cada final de dezembro, nas páginas dos jornais, nas telas das TVs, nos sites jornalísticos (PALACIOS, 2010, p. 41-42).

Com a potencialização das tecnologias, um montante cada vez maior de informações são digitalizadas e tornadas públicas. Fácil e rapidamente, os indivíduos são capazes de recorrerem ao passado que foi arquivado e sozinhos, podem contextualizar a atualidade com o que lhe é fornecido de material midiático e não midiático. Esse recurso tornou possível a incorporação do passado na estruturação do texto jornalístico e na sua edição. Palacios diz, que não somente tornou-se mais fácil incorporar elementos de memória, “mas igualmente tornou-se um hábito uma forma de edição que remete à memória (PALACIOS, 2010, p.46).

O autor comenta ainda que os especiais jornalísticos - reportagens de cunho memorialístico - são cada vez mais comuns e geralmente fazem referência a datas comemorativas e eventos históricos importantes. Essas produções, atualizam os fatos e em alguns casos, misturam aos textos jornalísticos os relatos de memórias vividas dos usuários,

espaços em que o “leitor que vivenciou os fatos deixa seu registro em seções de memórias dos leitores” (PALACIOS, 2010, p.47).

A partir desse lugar dado ao testemunho, Nora questiona quem, hoje, não se sente autorizado e capacitado a registrar suas lembranças, “a escrever suas memórias, não somente os pequenos atores da história, como também os testemunhos desses atores, sua esposa e seu médico?”. Ele indaga que vontade de memória é testemunhada atualmente, a dos entrevistados ou a dos entrevistadores? “O arquivo muda de sentido e de ‘status’ simplesmente pelo seu peso. Ele não é mais o saldo mais ou menos intencional de uma memória vivida, mas a secreção voluntária e organizada de uma memória perdida” (NORA, 1993, p. 16).

2.6 Mídia e Holocausto

Nas palavras do pesquisador Osvaldo Coggiola (2015, p. 5), a Segunda Guerra Mundial foi, “em primeiro lugar, o conflito militar mais sangrento de todos os tempos” e envolveu as mais distantes regiões do planeta. O conflito, iniciado em 1939, teve como, uma, de suas consequências o extermínio em massa de judeus, que recebeu o nome de *Holocausto*.

De acordo com o United States Holocaust Memorial Museum (2015), Holocausto é uma palavra de origem grega que significa "sacrifício pelo fogo." O Museu, fundado em 1993 e que busca manter viva a memória dos sobreviventes do acontecimento, cita que os nazistas acreditavam ser "racialmente superiores" e que os judeus - considerados "inferiores" - eram uma ameaça à chamada comunidade racial alemã.

Para o pensador polonês Zigmunt Bauman (1998), que escapou dos horrores da Segunda Guerra ao fugir com sua família para a Rússia, em 1939, o Holocausto foi tanto um produto como um fracasso da civilização moderna. Para ele, o acontecimento superou e esmagou todos supostos equivalentes pré-modernos e os expôs para comparação à atos primitivos e ineficientes, “como tudo o mais que se faça à maneira moderna — racional, planejada, cientificamente fundamentada, especializada, eficientemente coordenada e executada” citou (p. 112).

O Holocausto desempenha um papel chave na política de memória. Huysen cita Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz e escritor, para expressar que o Terceiro Reich

travou uma guerra intensa contra a memória, praticando uma “falsificação orwelliana da memória, uma falsificação da realidade, uma negação da realidade” (LEVI apud HUYSSSEN, 2000, p. 70). Mas ainda assim, comenta que por mais fragmentada pela mídia, pela geografia ou pela posição subjetiva que sejam as representações do Holocausto, a historiografia, os arquivos, os testemunhos oculares, os filmes documentários contribuirão para estabelecer um núcleo duro de fatos, fatos esses que precisam ser transmitidos às gerações posteriores ao Holocausto (p. 80).

Apesar destas produções não darem conta do Holocausto como um todo, são importantes para a compreensão dos fatos no presente e dissecam o acontecimento em cada uma de suas ramificações. De acordo com Huyssen (2000), os discursos da memória foram ampliados na Europa e nos Estados Unidos no começo da década de 1980 devido aos amplos debates sobre o Holocausto. Ele cita a série de TV “Holocausto” e ainda, o movimento testemunhal da época, como responsáveis pelo aumento da política de memória.

A série de eventos relacionados à história do Terceiro Reich receberam intensa cobertura da mídia e são cada vez mais explorados. Huyssen exemplifica os acontecimentos relacionados que receberam produções:

a ascensão de Hitler ao poder em 1933 e a infame queima de livros, lembrada em 1983; a *Kristallnacht*, o *pogrom* organizado em 1938 contra os judeus alemães, objeto de uma manifestação pública em 1988; a conferência Wannsee, de 1942, que iniciou a “Solução Final”, lembrada em 1992 com a abertura de um museu na vila de Wannsee onde a conferência tinha sido realizada, a invasão da Normandia em 1944, lembrada com um grande espetáculo realizado pelos aliados, mas sem qualquer presença russa, em 1994; o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, lembrada em 1985 com um emocionado discurso do presidente da Alemanha e, de novo, em 1995 com uma série de eventos internacionais na Europa e no Japão (2010, p. 10-11).

Em contraponto, Bezerra comenta que a partir das produções cinematográficas, as significações do Holocausto são vagas e que as novas gerações conhecem apenas o fantástico, o representado: “Holocausto-espetáculo de Steven Spielberg (“A Lista de Schindler”), o Holocausto-burlesco de Roberto Benigni (“A Vida É Bela”), e até mesmo o Holocausto-populista de Jayme Monjardim (“Olga”) e o Holocausto-humanista de Vicente Ferraz (“Um homem bom”)” (2010, p. 15).

A memória do Holocausto também é tratada como acontecimento que permite começar a entender situações locais específicas, historicamente distantes e politicamente

distintas do evento original. Huyssen diz que o Holocausto “perde sua qualidade de índice do evento histórico específico e começa a funcionar como uma metáfora para outras histórias e memórias (2000, p. 13).

É importante considerar, que nesta pesquisa, será usada como base a data de 27 de janeiro de 1945, como o fim da Segunda Guerra Mundial. Na ocasião, o exército soviético ingressou no campo de concentração de Auschwitz, Birkenau e Monowitz - entre 1942 e 1944, foram fundados 39 sub-campos - libertando aproximadamente 7.000 prisioneiros. Estima-se que cerca de 1.3 milhões de pessoas foram encaminhadas para o complexo de Auschwitz entre 1940 e 1945. Tal campo de concentração, foi o maior de todos criados pelo regime nazista. Huyssen cita Habermas e diz que:

Algo aconteceu ali [em Auschwitz] que até então ninguém considerava sequer possível. Ali, alguém encostou em algo que representa a camada mais profunda de solidariedade entre todos os que vestem um rosto humano; não obstante todos os atos costumeiros de bestialidade na história humana, a integridade dessa camada comum era tida por segura. (...) Auschwitz mudou as bases da continuidade das condições de vida na história (HABERMAS *apud* HUYSSSEN, 2000, p. 85-86).

Por fim, Huyssen diz que sem a memória, o passado não é nada além de passado. A política da memória do Holocausto, deve continuar a ser orientada na direção do futuro, conforme o autor, “precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro” (2000, p. 67).

3 O ACONTECIMENTO: CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Além de elencar as variáveis que serão utilizadas na análise desta pesquisa, este capítulo vai abranger os conceitos de acontecimento jornalístico. A partir destas significações será possível entender o Holocausto com um acontecimento com potencial midiático. Será abordado também, os critérios utilizados para a seleção dos fatos que ganham espaço nos meios de comunicação.

3.1 O acontecimento

Fatos que rompem com a normalidade cotidiana pautam todos os dias o jornalismo. Sendo assim, nem todas as ações merecem o título de acontecimento jornalístico. Quanto maior o potencial de desordem, imprevisibilidade, exceção, polêmica, maior vai ser a relevância percebida pelo jornalista e maior também a chance de ser lembrado e ressignificado no presente. Uma vez apropriado pelo discurso jornalístico, o fato passa, então, a ser visto enquanto um acontecimento.

Nas palavras de Rodrigues (1993), é considerado acontecimento, “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais” (p.27). Labrosse segue a mesma linha de pensamento e diz ainda que “o acontecimento está em todos os lugares... um tipo de delírio porque, então, tudo pode se tornar acontecimento (...) o acontecimento está onipresente, difuso, sem limites (...), sucedem-se com uma rapidez que apenas permite retomar o fôlego” (LABROSSE apud MOUILLAUD, 1997, p. 50).

Mas o acontecimento não carrega sozinho cargas de significados. Já quando está dentro de um discurso – midiático - pode gerar infinitas ramificações. (CHARAUDEAU, 2006, p. 131). Conforme o autor, o acontecimento social pode ser definido como, “[...] um fato que se inscreve num certo domínio do espaço público, e que pode ser reportado sob a forma de um mini relato. Assim, quando um jornal expõe os títulos ‘Greve’, ‘Energia nuclear’, ‘Bósnia’ e ‘Rolling Stones no Olympia’, cada um desses títulos refere-se a lugares, fatos, atores que aparecem num determinado setor da vida social” (p. 132).

Rodrigues explica que

Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. É por isso em função da maior ou menos previsibilidade que um facto adquire um estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico. É por isso que se diz, gracejando, que um cão que morde um homem não é facto jornalístico, mas se um homem morder um cão então estamos perante um facto suscetível de se tornar notícia (1993, p. 27)

Quanto mais pessoas se sentirem envolvidas no acontecimento, maior será o seu alcance e a sua importância e quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar o discurso jornalístico. De acordo com Alsina (2009), a construção da notícia é um processo complexo que se inicia com um acontecimento e se o público não receber qualquer notícia sobre um fato, esse fato não poderá ser considerado como um acontecimento de interesse público (ALSINA, 2009, p.116).

Com essa explosão de fatos e receptores que aguardam por novos acontecimentos, as mídias têm como tarefa dar conta de propagar acontecimentos com a mesma rapidez com que eles chegam ou ainda, “aproximar ao máximo os dois momentos opostos da cadeia temporal: *instante do surgimento do acontecimento* > instante da produção midiática > instante da saída do produto midiático > *instante do consumo da notícia*”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 133)

Como o discurso das mídias se fundamenta no presente, na atualidade, é a partir desse ponto de referência que elas precisam se reportar sobre o ontem e o amanhã, sem poder dizer muita coisa. Devido a essa dificuldade em dar conta do passado e imaginar o futuro, as mídias nunca podem garantir que o que é relatado seja permanente e fazem uma espécie de perspectivação dos fatos, “que não pode trazer, no entanto explicações históricas” (CHARAUDEAU, 2006, p. 134).

Essa perspectivação se dá quando o acontecimento é convertido em notícia através de um processo narrativo. A narrativa insere o acontecimento numa interrogação sobre a origem e a mudança do acontecimento, “conferindo-lhe uma aparência ilusória de espessura temporal” (CHARAUDEAU, 2006, p. 135).

Charaudeau diz que a narrativa é como um blefe.

A palavra “blefe”, aqui, não está revestida de nenhuma conotação moral. No pôquer, o blefe faz parte da regra, a ponto de caracterizar esse jogo e diferenciá-lo de outros. Isso é dito e admitido. Para as mídias, é a mesma coisa, com a diferença de que não pode ser dito nem admitido. E, no entanto, é a melhor resposta que as mídias podem trazer à questão do tempo (2006, p. 135).

Essa narrativa tem um espaço delimitado nos jornalistas. Para saber quais fatos tem um valor midiático é necessário um critério de seleção. Essa seleção se faz com base em valores-notícia. Nelson Traquina afirma que “os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham” (2005, p. 94).

Reis e Maia (2011, p. 3) dizem que “os valores-notícia são uma espécie de bússola que orienta os jornalistas na direção dos acontecimentos que seriam mais caros ao jornalismo”. São elementos que além de influenciarem na escolha de quais os fatos serão convertidos em notícias, direcionam o que receberá maior visibilidade. Este processo de enquadramento, consiste, basicamente, em escolher as partes do fato que receberão destaque na narrativa, “algo fundamental de ser realizado, já que a realidade não pode ser tomada como todo, em qualquer discurso que seja ela sempre extrapola em muito a palavra” (p. 2).

O jornalista passa a procurar as respostas para as perguntas-base que norteiam a produção cotidiana da profissão: o que, quem, onde, como, porque, quando. Para Charaudeau, a construção temática da notícia provoca três tipos de questões: “quais são os princípios de seleção dos fatos? Quais são os modos de recorte midiático do espaço social? Como são identificadas as fontes?” (2006, p. 132).

O autor cria ainda, três tipos de critérios para a seleção dos fatos, sendo eles a atualidade, a expectativa e a sociabilidade. Conforme Charaudeau, a informação midiática deve dar conta do que ocorre no quadro temporal em que o sujeito está inserido, por isso o critério de **atualidade**. O critério de **expectativa**, é referente ao interesse, atenção que irá provocar no receptor. O seu potencial de expectativa, de imprevisão, de desordem pode ser essencial para a seleção do fato. Já o critério de **socialidade**, “pois a informação midiática deve tratar daquilo que surge no espaço público, cujo compartilhamento e visibilidade devem ser assegurados” (2006, p. 150).

A partir das reflexões de Charaudeau, a “notícia” é um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado” (2006, p. 132). O autor estabelece

também, critérios específicos que devem ser analisados como critério de seleção dos fatos que vão se tornar notícias.

3.2 Noção de atualidade

A categoria **noção de atualidade** é de importância central no desenvolvimento das produções midiáticas, Charaudeau a considera como um importante guia para as escolhas temáticas e salienta que o quesito comum a cada suporte de difusão - imprensa, rádio, televisão - é o quadro temporal que define a notícia como atualidade (2006).

Por ser atual, não quer dizer que o acontecimento nunca tenha sido publicado, a noção é de que o fato em si já foi alvo de produção midiática e quando volta à mídia traz consigo novas reflexões. É uma atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo, portador de uma forte carga de inesperado (CHARAUDEAU, 2006).

São “[...] elementos de informação que podem dar origem ao novo espaço temático, mas podem também se ligar a um espaço temático já circunscrito e conhecido, como no caso de um conflito que se prolonga e do qual as mídias se ocupam cotidianamente” (CHARAUDEAU, 2006, p.132). A notícia é repetida nas mídias, mas com um frescor, e permanece, assim, no quadro de uma atualidade imediata.

3.3 Proximidade espacial

A categoria de **proximidade espacial**, confere à notícia um teor de proximidade com o receptor. Mesmo o acontecimento não interferindo diretamente com o cotidiano de uma comunidade, ela será recebida de forma que despertará reflexão. Charaudeau diz que a proximidade espacial, “confere à notícia um caráter de interesse particular quando o fato ocorreu no mesmo espaço físico que o da própria instância de recepção. As representações profissionais postulam que um acontecimento próximo interessa mais de perto ao cidadão” (2006, p. 136).

Da mesma forma, se o fato se referir há alguma pessoa da comunidade, todos se sentirão atingidos caso a notícia aproxime o público e não restrinja-o.

[...] o modo de tratamento da notícia que faz com que o lugar do acontecimento esteja próximo ou longínquo. Se o que acontecer trazer uma sombra de ameaça aos interesses daqueles que recebem a informação [...] o local descrito pela notícia se tornará próximo; se ao contrário, o conflito for tratado com distanciamento, sem que se sinta a pressão de uma ameaça (CHARAUDEAU, 2006, p. 136).

Essa categoria contribuirá com a análise de testemunhos e relatos de personagens brasileiros que participaram das atividades do Holocausto. Com a utilização de depoimentos que exploram a memória oral e humanizam a notícia, a documentação histórica deixa de ser a única fonte de dados. Como cita Edvaldo Pereira Lima, o jornalista deve ser um “sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo com tal talento que parece natural tal arranjo, como se surgisse ali espontaneamente, perfeito” (1993, p. 85).

3.4 Potencial de saliência

Um fato de discussão social como o Holocausto, mobiliza pessoas, faz o público falar, divulgar e pensar sobre ele. O acontecimento então, é selecionado em função de seu **potencial de saliência**, que reside ora no notável, no inesperado, ora na desordem. Charaudeau diz que não é o acidente enquanto tal que interessa às mídias, mas o que ele comporta de drama humano (2006, p. 140).

De acordo com os critérios criados pelo autor, os fatos devem ser tratados segundo “categorias próprias a evocar os dramas do destino humano” (2006, p.140). O Holocausto e os fatos decorrentes deste acontecimento se encaixam em características descritas por Charaudeau.

[...] o *enorme*, que ultrapassa as da quantidade, obrigando o ser humano a se reconhecer como pequeno e frágil; [...] o *trágico*, que descreve o conflito entre paixão e razão, entre pulsões de vida e pulsões de morte; o *horror*, enfim, que conjuga exacerbação do espetáculo da morte com frieza no processo de exterminação. Tais categorias mostram claramente dois estados do mundo: um estado de *desordem* e um estado de *trunfo* da ordem social (2006, p. 140-141).

Dessa forma, acontecimentos tem potencial de saliência quando rompem com normas estabelecidas ou infringem as regras. Tomamos por exemplo, as guerras, a exclusão, a doença, o desemprego e todas as manifestações de transgressão à ordem social - greves, assassinatos, revoluções etc. (CHARAUDEAU, 2006).

3.5 Valor simbólico

Nesta categoria, o acontecimento que está em destaque é programado pela existência de um calendário que pontua a organização e o desenvolvimento da vida social. Todos os anos, na mesma data, ele será comemorado. Segundo Charaudeau (2006), o valor simbólico pode ser compreendido, “[...] quando houver uma comemoração que a faça sair, no ato da celebração do acontecimento, pertencente a um passado, cujo valor simbólico é preciso reviver (ou mumificar) por ocasião de um aniversário: o passado se torna presente” (p. 134).

4 ANÁLISE DE REPORTAGENS

O presente capítulo corresponde à descrição e análise de sete reportagens publicadas no jornal Folha de São Paulo que tratam sobre o Holocausto. As produções serão referentes a sete décadas desde a libertação dos prisioneiros do campo de concentração Auschwitz, em 1945. O procedimento de pesquisa empregado será a análise de conteúdo. Quatro critérios de seleção dos fatos - elencados das reflexões de Charaudeau (2006) - buscam compreender as escolhas da construção temática das reportagens analisadas nesta pesquisa, são eles: proximidade espacial, potencial de saliência, valor simbólico e noção de atualidade.

4.1 Metodologia de pesquisa

A pesquisa será realizada a partir de uma análise de conteúdo. A técnica, tem por finalidade a interpretação das mensagens das reportagens ou notícias selecionadas. Conforme Maria Laura P. B. Franco (2008, p. 12), o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, “seja ela verbal - oral ou escrita -, gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Para a autora, a técnica busca conhecer além dos significados das palavras, mas os seus sentidos.

De acordo com Laurence Bardin (1977, p. 15), “o primeiro nome que de fato ilustra a história da análise de conteúdo é o H. Lasswell”. Aproximadamente em 1915, Lasswell fez análises de imprensa e de propaganda. Já de acordo com Franco (2008), o procedimento de pesquisa já havia sido adotado pelo francês B. Bourbon (1888-1892), que ainda no século dezanove, tentou aplicar em textos bíblicos, de forma rigorosa, as técnicas da análise.

Tal procedimento de pesquisa desenvolveu-se nos Estados Unidos e conforme Bardin (1977), na época, o material analisado era, essencialmente, jornalístico. A Escola de Colúmbia foi a pioneira na utilização do método de análise de conteúdo e multiplicou assim, os estudos quantitativos dos jornais.

Franco explica que princípio da análise de conteúdo traz que o significado de um objeto pode ser compreendido e generalizado “a partir de suas características definidoras e pelo seu *corpus* de significação”. Mas o sentido implica em muito mais do que apenas características. Na análise de conteúdo, o sentido é atribuído a partir de um significado

peçoal, que se “manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas”. (FRANCO, 2008, p. 13). A autora exemplifica:

“Por exemplo, a palavra ‘livro’ assume um determinado sentido por parte de leitores alfabetizados e implica, igualmente, gradações de sentido diferenciadas entre os leitores digamos ‘eruditos’ e os leitores ‘comuns’. Já quando transportada para indivíduos ou grupos não-alfabetizados, a mesma palavra ‘livro’ pode até ser compreendida mediante o mesmo significado que lhe é atribuído universalmente, porém seu sentido assume uma conotação completamente diferenciada” (FRANCO, 2008, p. 13).

Para Franco (2008), o objeto de estudo da análise de conteúdo é o comportamento humano através de uma abordagem objetiva e contextualizada. Isso porque as mensagens expressam as representações sociais, já que a emissão delas está totalmente vinculada às condições contextuais de seus produtores que envolvem a evolução histórica da humanidade.

Deste modo, a análise de conteúdo busca realizar interferências sobre os elementos da comunicação. Franco diz que é a interferência quem confere à análise de conteúdo relevância teórica e que ela pode ser exercida sobre as características, causas ou antecedentes da mensagem e ainda sobre os efeitos.

Para Bardin (1977), as interferências surgem devido às condições de produção e de recepção das mensagens e recorrem a indicadores – quantitativos ou qualitativos. Segundo o autor, na análise quantitativa, “[...] o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo e na análise qualitativa é a presença ou a ausência de uma dada característica num determinado fragmento de mensagem” (p. 42).

4.2 Seleção de matérias

As sete produções midiáticas analisadas nesta pesquisa foram retiradas do Acervo Folha, disponível online e que abrange 90 anos de exemplares publicados sobre o país e o mundo. O acervo é administrado pelo Banco de Dados de São Paulo Ltda., uma empresa do Grupo Folha (FOLHA, 2010).

São disponibilizadas séries completas de três títulos do Grupo, desde o ano de sua fundação, em 1921. Deles, a Folha da Noite – diário vespertino - foi o primeiro título fundado pelo grupo em 19 de fevereiro de 1921. Quatro anos mais tarde, 1925, o empreendimento ampliou-se com o lançamento do matutino, Folha da Manhã. Em 1949, surge a Folha da Tarde e a atual Folha de São Paulo, foi resultado da fusão, em 1º de janeiro de 1960, dos três títulos do Grupo (FOLHA, 2010). Durante a análise será sinalizado de qual dos títulos a publicação foi retirada.

A procura pelas notícias foi realizada por décadas. O intervalo de 10 anos de uma produção para outra permite uma amostragem regular usada normalmente em efemérides. As publicações analisadas para a seleção das reportagens foram, preferencialmente, da data de 27 de janeiro dos respectivos anos, por se tratar do dia em que aconteceu a libertação dos prisioneiros do campo de concentração Auschwitz em 1945. Durante a busca, a palavra Auschwitz foi usada como filtro para seleção das produções. O termo foi responsável por identificar o maior número de matérias que se referiam ao Holocausto.

Ainda, foi constatado que os jornais referentes ao mês de janeiro dos anos de 1975 e 1965 não estavam disponíveis no Acervo Folha. Por isso, as reportagens selecionadas das duas décadas são do mês de fevereiro. Já as produções de 1995, serão da data de 26 de janeiro, pois não era possível ler as produções do dia seguinte. Portanto, as reportagens serão referentes aos anos de 1955, 1965, 1975, 1985, 1995, 2005 e 2015.

A **matéria 01**, referente ao ano de 1955, corresponde a primeira década de libertação dos prisioneiros de Auschwitz e é intitulada como: “Panorama Internacional”. Na publicação três assuntos são abordados em forma de itens. A **matéria 02** tem como título: “Bormann continua vivo” e é referente ao ano de 1965. A **matéria 03** faz referência aos 30 anos de libertação dos prisioneiros, no ano de 1975 e denomina-se: “Falece o protetor dos judeus”. A **matéria 04** produzida em 1985 chama-se: “Polícia canadense procura Mengele, o ‘anjo da morte’”. A **matéria 05**, do ano de 1995 apresenta como título: “Escritor faz filme sobre o Holocausto”. A **matéria 06** chama-se: “Líderes lembram 60 anos do fim de Auschwitz; Sharon ataca omissões” e é referente ao ano de 2005. Por fim, a **matéria 07**, referente aos 70 anos da libertação dos prisioneiros do campo de concentração denomina-se como: “Depois de Auschwitz” e faz referência ao ano de 2015.

Compreende-se dessa forma que a amostragem desta pesquisa é formada por produções de sete décadas. Além de reportagens, foram encontrados artigos, notas e notícias sobre o assunto pesquisado.

4.3 Resultados da análise

Para compreender o uso da memória nas produções jornalísticas do Jornal Folha de S. Paulo a cerca do acontecimento Holocausto, será aplicado na pesquisa a análise dos conteúdos. Para tanto, em cada notícia será feito uma breve descrição e comentário apresentando seu principal foco, como o veículo abordou questões ligadas à Segunda Guerra e o porquê deste acontecimento ter sido retomado pelo jornal. Posteriormente, será apresentada a relação de cada um dos textos com os critérios de seleção dos fatos propostos por Charaudeau (2006), sendo eles: noção de atualidade, proximidade espacial, potencial de saliência e o valor simbólico.

4.3.1 Matéria 01 – Ano 1955

A matéria publicada no ano de 1955, que faz referência ao assunto desta pesquisa, foi publicada em 27 de janeiro e é um dos tópicos de notícias do chamado **“Panorama Internacional”**.

A produção não traz como foco o Holocausto, mas faz referência à Segunda Guerra. A notícia comenta sobre o anúncio do término do estado de guerra entre União Soviética e a Alemanha. Quando é feita referência à Segunda Guerra Mundial, o valor simbólico pode ser identificado na citação “dez anos depois da segunda guerra mundial”. Já o potencial de saliência, não se dá por alguma expressão em si, mas pelo contexto em que foram utilizadas. O texto comenta que mesmo 10 anos depois do fim da segunda guerra, a União Soviética continua a se posicionar contra o Japão. Mesmo sem uma expressão que sustente o potencial de saliência, ele pode ser percebido devido ao tom que atribui à notícia.

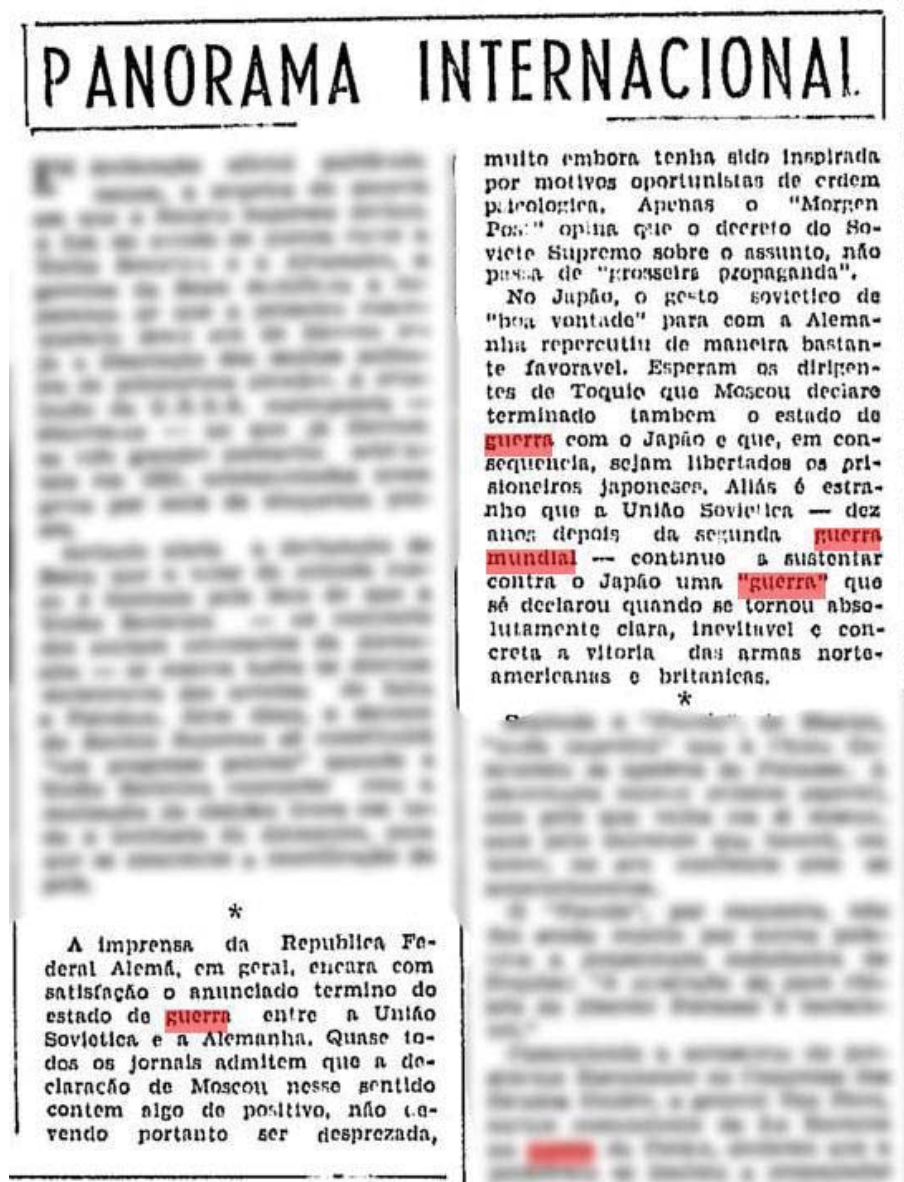


Figura 01 – nota publicada em 1955 e intitulada como: “Panorama Internacional”. (reprodução Acervo Folha)

Está é a produção que mais tem proximidade com a data do fato, desta forma ainda não tem um cunho memorialístico e não se encaixa, portanto, em alguns critérios de Charaudeau. A noção de atualidade e a proximidade espacial são categorias que não são identificadas, já que o assunto principal desta pesquisa esteve em segundo plano nesta matéria. Portanto, não há novas informações ao tema específico, tampouco tem relação com qualquer tipo de interesse espacial do leitor brasileiro ao tema.

Valores atribuídos à recuperação do acontecimento: valor simbólico e potencial de saliência.

4.3.2 Matéria 02 – Ano 1965

A edição de janeiro de 1965 não estava disponível no acervo do Grupo Folha, por isso a matéria selecionada foi publicada em 26 de março de 1965, e intitulada como: **“Bormann continua vivo”**. Sem o auxílio de imagens, a produção é uma nota sucinta sobre a possibilidade de criminosos de guerra desaparecidos continuarem vivos.

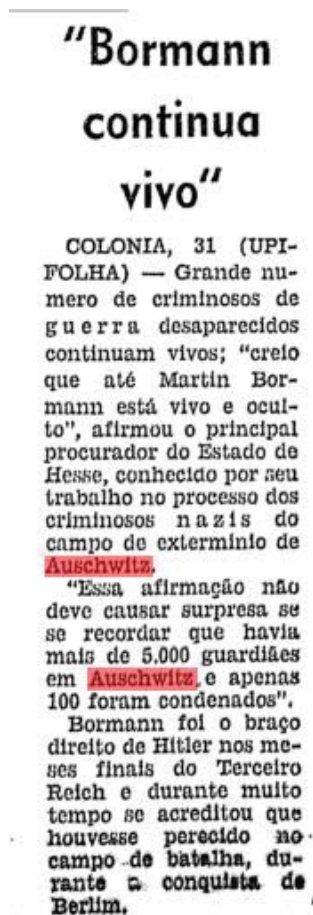


Figura 02 – nota publicada em 1965 e intitulada como: **“Bormann continua vivo”**. (reprodução Acervo Folha)

A nota traz a declaração do procurador do Estado de Hesse que afirma que Martin Bormann estaria “vivo e oculto”. A matéria traz como principal critério a noção de atualidade, através da declaração do procurador. O potencial de saliência se dá através da frase: “Essa

afirmação não deve causar surpresa se recordar que havia mais de 5.000 guardiões em Auschwitz e apenas 100 foram condenados”.

Mais uma vez, a produção midiática da Folha não trouxe como principal característica a rememoração do fato, mas diferentemente da matéria publicada em 1955, dessa vez o assunto foi o foco da produção. Já o valor simbólico dos 20 anos de libertação dos prisioneiros de Auschwitz não apareceu na matéria e novamente, o interesse espacial com o Brasil não foi mencionado.

Valores atribuídos à recuperação do acontecimento: noção de atualidade e potencial de saliência.

4.3.3 Matéria 03 – Ano 1975

Como as edições do Jornal Folha de S. Paulo referentes a janeiro de 1975 não foram disponibilizadas no acervo do grupo, a matéria selecionada para esta análise foi a publicação mais próxima da data. Sendo assim, o jornal Folha de S. Paulo publicou em 14 de fevereiro de 1975, uma nota com o título: “**Falece o protetor dos judeus**”. A publicação representa neste trabalho, os 30 anos de libertação de Auschwitz.



Figura 03 – nota publicada em 1975 e intitulada como: “Falece o protetor dos judeus”. (reprodução Acervo Folha)

A pequena nota informa sobre a morte do diplomata suíço Charles Luiz. De acordo com a produção, ele foi responsável por fornecer vistos de proteção a aproximadamente 60 mil húngaros, em sua maioria judeus. A noção de atualidade é a categoria mais presente na nota, pois abordar o acontecimento foram utilizadas novas informações. A matéria é sucinta e a frase com maior potencial de saliência é: “Ajudou dezenas de milhares de judeus a escapar das câmaras de gás do campo de concentração de Auschwitz durante a segunda guerra mundial”.

Tão sucinta e direta quanto as produções publicadas nos anos interiores, a nota, de 1975, apesar de não citar diretamente os 30 anos de libertação de Auschwitz, tem maior de incidência memorialística. A proximidade espacial ainda não é uma prioridade das produções da Folha e o valor simbólico da data comemorativa não é uma característica que determina o espaço temático das produções do jornal.

Valores atribuídos à recuperação do acontecimento: noção de atualidade e potencial de saliência.

4.3.4 Matéria 04 – Ano 1985

Publicada em 1985, quatro décadas após a libertação dos prisioneiros de Auschwitz, o jornal Folha de São Paulo, veiculou na data de 27 de janeiro a notícia: **“Polícia canadense procura Mengele, o ‘anjo da morte’**”. A produção foi publicada sem foto e ocupou 3/6 da página do Primeiro Caderno da edição. Na mesma data, o jornal publicou também, a notícia: “Russos se irritam com versão ocidental da Segunda Guerra”.

A matéria que tem grande carga de atualidade, trouxe informações sobre a procura do criminoso de guerra, Josef Mengele, responsável pela morte de milhares de cidadãos judeus no campo de extermínio de Auschwitz. Pode-se dizer que o principal critério identificado na produção foi a categoria de noção de atualidade, já que traz novas informações sobre o paradeiro do criminoso. A notícia fala ainda sobre uma investigação da polícia canadense que procura cerca de 3 mil fugitivos nazistas e colaboradores do 3º Reich hitlerista que hoje vivem no Canadá.

Polícia canadense procura Mengele, o “anjo da morte”

O criminoso de guerra nazista, Josef Mengele, está sendo procurado no Canadá por ordem direta do primeiro-ministro Bryan Mulroney, depois de uma denúncia do caçador de nazistas Simon Wiesenthal, que preside em Viena o Centro de Documentação contra Crimes de Guerra do Nazismo. O representante do organismo em Ottawa, Sol Littmann, informou que a polícia canadense está investigando a lista dos cerca de 3 mil fugitivos nazistas e colaboradores do 3º Reich hitlerista que hoje vivem no Canadá. De acordo com a denúncia de Wiesenthal, Mengele obteve um visto em Buenos Aires para entrar em território canadense, depois de ter deixado o Paraguai com falsa identidade.

O criminoso de guerra, conhecido como o “anjo da morte” no campo de concentração de **Auschwitz**, na Polônia, é responsável pela morte de milhares de cidadãos judeus naquele campo de extermínio. Wiesenthal disse que o visto de Mengele, hoje com 73 anos, é antigo, foi obtido em 1962 e que ele viveu no Paraguai sob a proteção do regime de Stroessner. Acentuou que o criminoso de guerra, chegou a ser preso em 1947 na Viena ocupada, mas conseguiu fugir.

Já para Tuvi Fridman, diretor do Centro de Documentação de Haifa, Mengele está atualmente nos Estados Unidos. Fridman esteve quinta-feira passada em Bonn, para pedir ao

governo alemão ocidental que peça a Washington a extradição do nazista.

Lembrança

Para lembrar o 40º aniversário da libertação pelas tropas soviéticas dos campos de concentração na Polônia, que foram 50 na região de **Auschwitz**, Wiesenthal e outras personalidades instalarão em Jerusalém, de 4 a 6 de fevereiro, um tribunal internacional para analisar os testemunhos dos “gêmeos de Mengele”. Entre os participantes estarão Telford Taylor, que atuou como juiz no Tribunal de Nuremberg, ao final da 2ª Guerra Mundial, e Gideon Hausner, que presidiu o julgamento de Adolf Eichmann.

Marcha da morte

Milhares de israelenses reproduziram hoje em Jerusalém a “marcha da morte” entre os campos de extermínio de Birkenau e **Auschwitz**, para lembrar o 27 de janeiro de 1945, quando o Exército Vermelho chegou ao local. Os manifestantes empunharam tochas acesas, entre eles vários irmãos gêmeos dos 180 que sobreviveram às experiências clínicas do dr. Mengele. Naquele 27 de janeiro, 2.300 prisioneiros judeus foram obrigados a marchar de Birkenau para os crematórios de **Auschwitz**, enquanto se ouviam os disparos da artilharia soviética, 24 horas antes de o Exército russo entrar no lugar.

Figura 04 – notícia publicada em 1985 e intitulada como: “Polícia canadense procura Mengele, o ‘anjo da morte’”. (reprodução Acervo Folha)

A divulgação da instalação de um tribunal internacional para analisar os testemunhos dos “gêmeos de Mengele”, também se encaixa na categoria de noção de atualidade. Ela é informada como sendo em homenagem aos 40 anos do fim de Auschwitz.

A notícia é construída de forma breve e não se estende no assunto, ainda assim, são identificadas expressões com grande carga de saliência. “Criminoso de guerra nazista”, “Caçador nazista” e “anjo da morte” – ao se referir à Josef Mengele no campo de concentração de Auschwitz – são termos que demonstram um acontecimento notável, que obriga o ser humano a se sentir como pequeno e frágil, como exemplifica Charaudeau (2006).

O valor simbólico da matéria está disposto nas frases: “para lembrar o 40º aniversário da libertação pelas tropas soviéticas dos campos de concentração na Polônia”, “para lembrar o 27 de janeiro de 1945” e ainda “naquele 27 de janeiro, 2.300 prisioneiros judeus foram obrigados a marchar para os crematórios de Auschwitz”. Elas são responsáveis por se referenciar a um acontecimento já programado.

O ano de 1985 foi o responsável pela política de memória começar a ficar evidente nas produções do Grupo Folha de S. Paulo. A matéria “Polícia canadense procura Mengele, o ‘anjo da morte’”, continuou trazendo novas informações, mas se justificou com a referência aos 40 anos do fim de do campo de concentração. A proximidade espacial foi o único critério que não foi identificado na notícia, pois não trouxe fatos que aproximassem o leitor brasileiro. **Valores atribuídos à recuperação do acontecimento:** potencial de saliência, noção de atualidade e valor simbólico.

4.3.5 Matéria 05 – Ano 1995

A matéria selecionada do ano de 1995 foi veiculada em 26 de janeiro, um dia antes da libertação dos prisioneiros do campo de concentração de Auschwitz. Com o título: “**Escritor faz filme sobre o Holocausto**”, a entrevista, escrita pelo repórter André Fontenelle, ocupa meia página e vem acompanhada de uma foto. Na mesma data o jornal Folha de São Paulo publicou outras três matérias ligadas ao Holocausto.

A produção de Folha é centrada nas informações sobre o filme *Tzedek – Os Justos*, que conta a história de 36 pessoas que salvaram judeus na Segunda Guerra Mundial. Dirigido pelo Francês, Marek Halter, a matéria, é cita que “a diferença entre um herói e um justo é que o herói tem orgulho de contar o que fez, enquanto um justo salva uma vida e vai embora”. O potencial de saliência inicia quando na reportagem o diretor do filme explica que muitos dos considerados “justos”, preferiam não falar sobre o assunto e por isso era importante que o maior número possível de países, tivessem contato com a produção, para “mostrar a universalidade do gesto”.

Escritor faz filme sobre o Holocausto

Francês Marek Halter mostra em "Tzedek — Os Justos" pessoas que salvaram judeus do genocídio nazista

ANDRÉ FONTENELLE
De Paris

"Há quatro anos, em uma palestra para estudantes, Marek Halter, 58, lembrava sua infância no gueto de Varsóvia, quando um jovem perguntou: "O que é um justo?"

Dessa pergunta nasceu no escritor a ideia de fazer um filme sobre o Holocausto. Mas "Tzedek — Os Justos", atualmente em cartaz na França, não é igual aos outros.

Halter fez sua própria "lista de Schindler". O filme conta a história de 36 "justos", pessoas que salvaram judeus na Segunda Guerra Mundial. "Tzedek" (justo em hebraico) custou US\$ 4 milhões.

"Espero que meu amigo Fernando Henrique Cardoso ajude a mostrá-lo no Brasil", diz Halter, que conheceu o presidente brasileiro nos anos 70, quando teve um longo laçoado no Brasil.

O escritor francês nasceu na Polônia. Seus pais fugiram da perseguição aos judeus e ele morou sucessivamente no Uruguai, na Argentina e na França, onde vive desde o início dos anos 50.

Folha - Por que 36?

Marek Halter - Não foi fácil encontrar os justos. A diferença entre um herói e um justo é que o herói tem orgulho de contar o que fez, enquanto um justo silva uma vela e vai embora.

Os historiadores, que trabalharam comigo encontraram promissoras que foram salvos, que disseram que os salvou. Muitos já morreram, outros não quiseram falar.

Ficamos com 204 histórias. Escolhi 42, com base em três critérios: o maior número possível de países, para mostrar a universalidade do gesto, que as histórias não se repetissem e pessoas que sobreviveram conta-las.

Mi me lembrei do Talmud que diz que é preciso fazer 10 justos a cada geração para que o mundo subsista. Pois "10", em hebraico, quer dizer "vida". Duas vezes 10, são 20 vidas, a vida e a salva.

Folha - O sr. também está escrevendo um livro?



Um visitante caminha pela ferrovia que leva ao campo de extermínio nazista de Auschwitz-Birkenau, no sul da Polônia

Halter - Sim, ele se chamará "Os Justos, ou a Banalidade do Bem", com essas e outras histórias, mas, sobretudo, uma reflexão sobre elas. Acho que o fim do século será marcado pela busca do bem como comportamento.

As esperanças coletas ao desembocarem em ditaduras, igrejas nos próprios comportamentos, individualizam, mas pedem Deus. É formidável, mas há riscos. Você entra numa mesquita para encontrar Deus e sai com uma metralhadora. Graças a Deus, há muçulmanos com a mesma preocupação.

Falou sobre isso com o papa. Almocei com ele, para preparar sua participação no filme. Falamos em polonês. Em um momento, ele me perguntou: "O sr. vai sempre à Polônia e à Rússia, como vê a situação por lá?". Ele disse: "Sube, san-

to padre, o homem não pode viver sem esperança. Ora, a grande esperança nessa parte do mundo, o comunismo, fracassou. Só restam vocês, as igrejas".

Percebi tê-lo agralado. Ele pôs as mãos na cabeça e disse: "Isso é dramático. A religião não deve ser o único recurso do homem. Sendo, seja a guerra religiosa". Comecei a falar de queijo e disse: "Quando você está doente, chama o médico. Quando você chama o padre, é que está morrendo". Achei isso muito forte, ainda mais vindo do papa. Acho que ele tem razão.

Folha - Por que o sr. pergunta ao papa, no filme, o que ele fez para salvar judeus?

Halter - Porque ele é o líder espiritual do cristianismo. Os judeus sempre viveram em meio aos cristãos. O papa da época, Pio 12, na-

da fer pelos judeus. No filme, quando pergunto a uma mulher por que ela salvou mil judeus, ela responde: "Porque o padre pediu". Se um pedido de um padre pode salvar mil pessoas, imagine se o papa tivesse pedido. Poderia salvar milhões.

Achei que seria bom que o papa que é da Polónia, país onde mais mataram judeus - dissesse alguma coisa. Eu não esperava que ele respondesse. "Não quero me atribuir méritos que não tenho". Ele não fez nada na guerra. Teve de se esconder, como ator que monta a peça amarela. Mas, depois da guerra, fez uma coisa fantástica, que não quis contar.

Folha - Que coisa?

Halter - Uma mulher lhe pediu para batizar uma criança. Wojtyla perguntou: "Por que ad agora?"

"Porque ele estava escondido..." "Por que estava escondido?" "Porque sua mãe foi deportada para Auschwitz e me entregou o menino antes de partir. Tive medo de mostrá-lo, mas agora ele e meu filho e quero batizá-lo." "Mas a mãe pediu para batizar-lo?" "Ela queria que a senhora o preservasse como ele é, judeu. Não vou batizá-lo."

Folha - O sr. pergunta sempre, no filme: "Por que os outros não fizeram o mesmo?" O sr. não teme medo de fazer as pessoas se sentirem culpadas?

Halter - Isso não é grave, porque a culpa sempre questionamento. Guerra que se sentiu sem culpa, mas não quer acusá-las.

Folha - Mas o sr. mostra um industrial semelhante.

Halter - Sim, ele age como Schindler, mas percebe imediatamente que os judeus estão ameaçados de morte e começa a salvá-los.

nheiro no bolso. Essa criança se refugiou no seu apartamento. O bandido bate na sua porta e pergunta: "Você viu um menino?" Você pode denunciá-lo e participar do mal. Ou proteger o menino e participar do bem.

Em Varsóvia, havia pedreiros incerteiros em que se sabia que só um apartamento escondia uma criança judia. E ninguém o denunciava. Participar do bem está ao alcance de todos: isso que queria mostrar.

Folha - Agora que se celebra o cinquentaésimo da libertação de Auschwitz, o que o sr. pensa dos que negam o Holocausto?

Halter - Há cada vez menos. Ainda existem alguns. Contra eles, o melhor antídoto são os justos. Se conto o que vi, podem me acusar de ter exagerado um pouco. Enquanto um justo é incontornável.

Folha - Que lembrança o sr. guarda dessa época?

Halter - Não estive em Auschwitz, mas estive no gueto de Varsóvia. Lembrou-me dos mortos, dos odores, dos ruídos, dos gritos. Mas isso não me impede de viver.

Em Treblinka, filmamos um casal se beijando. Foi criticado, mas foi um acaso. O casal sabia que ali era um campo de concentração onde 800 mil morreram. Mas eles se amavam. Achei isso formidável.

Essa é a vitória sobre Hitler: ainda há um jovem judeu que diz a uma jovem judia: "Eu te amo". Sou um otimista. Nós, os otimistas, venceremos enquanto o mundo existir. Se o mundo acabar, e por que os pessimistas tinham razão.

Folha - O que o sr. achou de "A Lista de Schindler"?

Halter - Gostei. É um filme que mobilizou milhões de pessoas que não vieram um documentário. Mas eu não porta Schindler no meu filme, porque é um personagem de livro. E é bom para a história.

Folha - Mas o sr. mostra um industrial semelhante.

Halter - Sim, ele age como Schindler, mas percebe imediatamente que os judeus estão ameaçados de morte e começa a salvá-los.

Figura 05 – entrevista publicada em 1995 e intitulada como: “Escritor faz filme sobre o Holocausto”. (reprodução Acervo Folha)

Expressões como: “Genocídio nazista” e “Seus pais fugiram da perseguição aos judeus”, colaboram para que na matéria sejam explorados os dramas humanos de forma que mesmo não estando próximo espacialmente, as pessoas se comovam. A desordem do sistema social também é explícita no trecho: “Lembro-me dos mortos, dos odores, dos ruídos, dos gritos. Mas isso não me impede de viver”.

As novas reflexões ficam a cerca da participação da igreja durante a Segunda Guerra, relação bastante questionada, já que “os judeus sempre viveram em meio aos cristãos”. A afirmação de que o papa da época, Pio 12, nada fez pelos judeus, reafirma que a matéria carrega uma forte carga de inesperado, como cita Charaudeau (2006). A ligação entre igreja e Holocausto provoca ainda, novas reflexões no trecho: “No filme, quando pergunto a uma mulher por que ela salvou mil judeus, ela responde: ‘Por que o padre pediu’. Se um pedido de um padre pôde salvar mil pessoas, imagine se o papa tivesse pedido. Poderia salvar milhões”.

Explorar tal espaço temático foi um dos critérios responsáveis que concederam a reportagem na variável de noção de atualidade.

Pouco da matéria nos faz sentirmos próximos espacialmente. O trecho que mais se aproxima cita: “Espero que meu amigo Fernando Henrique Cardoso ajude a mostra-lo no Brasil”, diz Halter, que conheceu o presidente brasileiro nos anos 70, quando teve um livro lançado no Brasil”. E, apesar da celebração do cinquentenário da libertação de Auschwitz ser citado, o valor simbólico da data não foi central na produção. Os 50 anos só foram usados como justificativa para abordar o tema.

Todos os critérios de Charaudeau (2006) foram identificados na entrevista de 1995. Apesar de algumas categorias receberem maior atenção na explanação do assunto, a produção rememorou e aproximou os leitores utilizando diferentes estratégias.

Valores atribuídos à recuperação do acontecimento: potencial de saliência, noção de atualidade, proximidade espacial e valor simbólico.

4.3.6 Matéria 06 – Ano 2005

A matéria veiculada pelo Jornal Folha de S. Paulo em 27 de janeiro de 2005 e intitulada como “**Líderes lembram 60 anos do fim de Auschwitz; Sharon ataca omissão**” é acompanhada por uma fotografia e ocupa ¼ da página. A notícia foi publicada na página 13 do Primeiro Caderno da edição juntamente com dois artigos que também tratavam sobre questões do Holocausto.

A produção traz informações sobre as homenagens que marcam os 60 anos de liberação dos prisioneiros do campo de concentração Auschwitz. Traz ainda um breve relato das consequências do Holocausto e a fala de representantes de países que atuaram durante a Segunda Guerra. Pode-se dizer que primeiramente a matéria foi produzida devido ao critério de seleção de valor simbólico por estar rememorando um acontecimento programado, no caso, o “aniversário de 60 anos” do fim de Auschwitz. Não foram identificadas características para que a matéria se enquadrasse na categoria de proximidade espacial.

HOLOCAUSTO Aliados ‘não moveram um dedo’, critica premiê
**Líderes lembram 60 anos do fim de
 Auschwitz; Sharon ataca omissão**

DA REDAÇÃO

Líderes de 44 países e sobreviventes de Auschwitz se reúnem hoje para as homenagens do aniversário de 60 anos da libertação do maior campo de concentração nazista, na Polônia.

Com um forte esquema de segurança, as celebrações incluem uma oração inter-religiosa no campo, para marcar a chegada dos soldados soviéticos ao local em 1945, e uma cerimônia ao ar livre na vizinha Birkenau.

É esperada a presença de 10 mil pessoas, entre elas as dos presidentes Jacques Chirac (França), Vladimir Putin (Rússia), além do premiê italiano, Silvio Berlusconi.

O presidente alemão, Horst Köhler, estará presente mas não falará na cerimônia principal, em reconhecimento ao papel da Alemanha como propulsor do Holocausto.

Cerca de 1,5 milhão de pessoas, a maioria judeus de várias partes da Europa, morreram nas câmaras de gás, de fome ou de doenças em Auschwitz e Birkenau, os mais conhecidos campos de concentração mantidos pela Alemanha nazista de Adolf Hitler. Cerca de 6 milhões de judeus morreram nos campos nazistas.

Anteontem, o chanceler (premiê) alemão, Gerhard Schröder, disse em discurso aos sobreviventes de Auschwitz que os alemães de hoje não guardam culpa pelo Holocausto, mas têm uma responsabilidade especial para manter viva sua memória. “Relembrar a era nazista e seus crimes é um dever moral”, disse.

O presidente dos EUA, George W. Bush, que não participará das cerimônias, disse ontem que o campo serve de lembrança para que o mundo junte forças no combate ao anti-semitismo. “É

uma lembrança sóbria do poder do mal e da necessidade de que as pessoas combatam o mal onde quer que ele esteja. É uma lembrança de que quando encontramos anti-semitismo devemos nos unir para combatê-lo”, disse. Os EUA serão representados pelo vice-presidente, Dick Cheney.

Já o premiê de Israel, Ariel Sharon, que também não comparecerá, disse ontem em discurso em Jerusalém que a lição a ser aprendida é que o mundo “não moveu um dedo” para deter o Holocausto e que os judeus devem contar apenas com eles mesmos.

“A triste e terrível conclusão é que ninguém se importou que judeus estivessem sendo mortos”, disse. “No momento deste terrível teste, amigos e benfeitores não levantaram um dedo. Esta é a lição do Holocausto para os judeus.”

Com agências internacionais



Pilha de sapatos de prisioneiros são expostos em museu dos campos de Auschwitz-Birkenau

Figura 06 – notícia publicada em 2005 e intitulada como: “**Líderes lembram 60 anos do fim de Auschwitz; Sharon ataca omissão**”. (reprodução Acervo Folha)

O texto traz novas reflexões e se insere na categoria de noção de atualidade, a partir da fala do Premiê de Israel, Ariel Sharon, que disse em discurso que “a lição a ser aprendida é que o mundo ‘não moveu um dedo’ para deter o Holocausto e que os judeus devem contar apenas com eles mesmos”. A afirmação instiga o público a pensar sobre as medidas tomadas para deter o extermínio na Segunda Guerra e as atitudes que foram realmente efetivas. Da mesma forma, o gesto e fala do presidente alemão, Horst Köhler, também traz reflexões. Segundo a matéria, Köhler participaria das homenagens mas não se manifestaria durante a cerimônia principal, “em reconhecimento ao papel da Alemanha como propulsor do Holocausto”. Conforme o presidente, “os alemães de hoje não guardam culpa pelo Holocausto, mas têm uma responsabilidade especial para manter viva sua memória”. Com a fala, fica a indagação de até quando a Alemanha e os alemães teriam que se responsabilizar e qual seria o seu dever para com a população.

Por fim, muitas expressões podem ser consideradas com grande carga de potencial de saliência, devido ao forte teor de significação. É o caso da expressão “sobreviventes de Auschwitz” usada por duas vezes na notícia e “Alemanha nazista de Adolf Hitler”. Ao usar tais sentenças, 60 anos depois, tanto Auschwitz quanto Adolf Hitler parecem ter o domínio das pessoas e do país que sofreu com as ações da Segunda Guerra.

Na mesma categoria, também pode ser classificada, a frase: “Cerca de 1,5 milhão de pessoas a maioria judeus de várias partes da Europa, morreram nas câmaras de gás, de fome

ou de doenças”, em função do seu potencial de desordem, ou ainda, por evocar o drama humano.

Valores atribuídos à recuperação do acontecimento: potencial de saliência, noção de atualidade e valor simbólico.

4.3.7 Matéria 07 – Ano 2015

Em 2015, a matéria selecionada foi publicada na data de 27 de janeiro e faz referência aos 70 anos da libertação dos prisioneiros de Auschwitz. Com o título: **“Depois de Auschwitz”**, a reportagem foi escrita em forma de relato pela jornalista de Folha, Thais Bilenky. Acompanhada de uma foto, a publicação ocupa meia página do Primeiro Caderno e recebeu também, chamada de capa na edição. Na mesma data, o Grupo Folha publicou uma matéria de página inteira intitulada de **“O horror”**.

A12 mundo ★ ★ ★ TERÇA-FEIRA, 27 DE JANEIRO DE 2015 FOLHA DE S.PAULO

RESUMO Chana Flam, 89, foi capturada pelos nazistas na Polônia aos 14 anos. O pai dela morreu após um acidente vascular. Dois de seus irmãos teriam sido assassinados com tiros na cabeça, e a mãe, executada na câmara de gás, abraçada a um dos filhos. Eram seis irmãos. Só Chana sobreviveu. Sozinha, deixou o campo de **Auschwitz**, casou-se na **Suécia** e se mudou para o Brasil. Vive hoje em Belo Horizonte.

Depoimento a

THAIS BILENKY
ENVIADA A BELO HORIZONTE

Nasci em Pionki, na Polônia. Nunca gostei de estudar. Não podíamos falar que éramos judeus na escola. Quem tinha dinheiro fugia. Mas quem não tinha...

Em 1º de setembro de 1939, começa a guerra [a Alemanha invadiu a Polônia]. Era sexta-feira. Minha mãe acendeu a vela para o Shabat [dia do descanso judaico] e chorou muito. Perguntei: “O que foi, mãe?”. “Agora é a guerra contra os judeus. Bombas vão cair.” Dito e feito.

Separaram a nossa família. Um dia, em 1941, me disseram: “Já não existe sua casa. Você vai dormir aqui”. Falaram que meus pais estavam em outra cidade.

Mandaram-me para Auschwitz. Cheguei de viagem de muitas semanas nos vagões abertos com a neve caindo. Jogaram pedaços de pão pela janela. Mandavam velhos para a esquerda, jovens à direita. Foi tudo para [as câmaras].

No campo de concentração, me marcaram [mostrando número tatuado pelos nazistas no braço: A14972]. Eu tinha que soldar rodas de trem.

A gente pensa que a qualquer momento vai morrer. Só isso. Ainda estou viva, ainda estou viva. Jogavam as crianças para os cachorros.

Quando a guerra acabou e saí de **Auschwitz**, tinha 19 anos e pesava 39 quilos. Os ingleses pensaram que a comida iria salvar a gente, mas quem comeu não sobreviveu [desnutridos tiveram diarreias que levaram à morte]. Fiquei no hospital em 1945, na Alemanha.

Depois, a Cruz Vermelha na Suécia se ofereceu para tratar doentes. Fiquei um ano em sanatórios lá. Não comíamos pão com manteiga. Comíamos manteiga com pão. Estava havia cinco anos sem menstruar. Os alemães deram remédio para as meninas não menstruarem [a des-



A polonesa Chana Flam no lar de idosos onde vive, em Belo Horizonte

HISTÓRIA

ATO LEMBRA LIBERTAÇÃO DE CAMPO NAZISTA

Representantes de mais de 40 países e 300 sobreviventes marcam nesta terça (27) o 70º aniversário da libertação do campo nazista de **Auschwitz**, na Polônia. Os presidentes francês, François Hollande, alemão, Joachim Gauck, e polonês, Bronislaw Komorowski, serão alguns dos líderes presentes.

tou na cabeça. Tinha o nome do meu pai e do meu sogro.

Em 1986, meu marido morreu de câncer. Comi o pão que o diabo amassou. Fiquei dormindo no sofá. É dureza, sem família, tia, cunhada, primas, sobrinhas.

O casamento do meu neto [em 2014] foi do jeito de Israel. Ela [a noiva] se converteu. Ninguém pediu. Falei ao meu neto: “Não esqueça a kipá [solideu]”. “Vô, eu sei. Sou judeu.”

Há muitos anos [em 1993], a equipe [do cineasta Steven Spielberg no filme “A Lista de Schindler”] veio aqui [para colher seu depoimento]. Chorei tanto. Nunca mais quero falar. A gente não dá conta.

Não estou bem. Como pouco, não durmo, nem mesmo com remédio. Há dois anos parei de me mexer. Tive depressão. Pesava perto de 70 quilos, agora peso 46.

Fico parada e vem tudo. Pensei em outra velhice, mas chegou essa, fico com essa. Não gosto de olhar fotos para não voltar para o passado e [perceber que] essa sou eu, cabelo claro, rosto bonito. Meu coração dói muito. Não tezo mais. Só sei que sou judia.

LEIA MAIS na pág. E1

MINHA HISTÓRIA CHANA FLAM, 89

DEPOIS DE AUSCHWITZ

Sobrevivente radicada no **Brasil** perdeu quase toda a **família** no campo nazista, desativado há 70 anos

Figura 07 – reportagem publicada em 2015 e intitulada como: **“Depois de Auschwitz”**. (reprodução Acervo Folha)

“Depois de Auschwitz” traz o relato de uma ex-prisioneira do campo de concentração. Chana Flam, 89 anos, foi radicada no Brasil e perdeu quase toda a família no campo nazista. A jornalista Bilenky, responsável pelo depoimento, adicionou algumas explicações em trechos da matéria. Por se tratar de um depoimento, a produção provoca maior interesse no leitor. Relatos trazem expectativa e aproximam o espectador do acontecimento; eles se colocam no lugar de quem relata. Assim, pode-se dizer que o critério de seleção mais presente é a proximidade espacial. Além de aproximar o leitor devido ao depoimento, a ex-prisioneira vive hoje em Belo Horizonte. Mesmo não interferindo diretamente com o cotidiano das pessoas, estar no mesmo território que o leitor confere a reportagem um teor de interesse particular.

Quando no depoimento Chana Flam explica que optou pelo Brasil ao invés de Israel, ela cita “Meu marido queria ir para Israel, mas, como tinha guerra, falei: ‘Você vai. Eu não vou’. Decidimos pelo Brasil”. Assim, o leitor se envolve definitivamente com a matéria. As frases “Em 1950, estava grávida, fomos ao consulado brasileiro na Suécia”, “Só quando Getúlio Vargas se matou, em 1954, nosso visto foi carimbado” e “Cheguei ao Brasil em 1955”, também entram na categoria de proximidade espacial.

Sobre a categoria de potencial de saliência, foram encontradas diversas expressões com grande carga de drama humano. O relato inicia com a frase, “Não podíamos falar que éramos judeus na escola” e ainda há o uso de reticências na sentença “quem tinha dinheiro fugia. Quem não tinha...”. As expressões causam a reflexão no leitor pois rompem com a ordem natural. Ainda, “Mandaram-me para Auschwitz”, “Foi tudo para ‘gás câmara’” e “No campo de concentração me marcaram [mostra número tatuado pelos nazistas no braço: A14972]”, são exemplos que demonstram conflitos.

Por diversas vezes, são identificadas sentenças que expressam medos e tristezas que também se encaixam na categoria de saliência. Expressões como: “Nunca mais quero falar”, “Fico parada e vem tudo”, “Pensei em outra velhice, mas chegou essa, fico com essa”, “Não gosto de olhar fotos para não voltar para o passado”, “Chorei tanto” e “Não rezo mais. Só sei que sou judia”, fazem o público pensar e falar sobre o acontecimento.

O depoimento rememora um acontecimento programado e pode ser identificado na frase: “Quando a guerra acabou e saí de Auschwitz, tinha 19 anos e pesava 39 quilos”. Assim, se encaixa na categoria de valor simbólico. Já a noção de atualidade fica a cargo da frase: “Estava havia cinco anos sem menstruar”. Conforme a explicação de Chana Flam, as meninas que estavam no campo de concentração recebiam remédios para evitar a

menstruação. A informação merece atenção pois pode possibilitar um novo espaço temático a cerca do tema.

Valores atribuídos à recuperação do acontecimento: potencial de saliência, noção de atualidade, proximidade espacial e valor simbólico.

4.4 Pós-análise

Após analisadas as sete matérias publicadas pelo Jornal Folha de S. Paulo ao longo de sete décadas, foram identificadas as principais características que o jornal utilizou para relembrar fatos ligados do Holocausto. Ainda, pode-se compreender quais os espaços temáticos abordados do assunto em foco.

O potencial de saliência foi identificado em 100% das produções, enquanto que a preocupação em aproximar o leitor espacialmente foi percebido em apenas duas matérias. Pode-se perceber, também, a preocupação da Folha em abordar o assunto trazendo novas reflexões, já que em seis das sete matérias a categoria de noção de atualidade se fez presente. Apesar de ter utilizado nesta pesquisa a data de 27 de janeiro como base para seleção das matérias, nem sempre o jornal se preocupou em fazer menção da existência de um calendário que faz o fato ser rememorado. A categoria de valor simbólico foi identificada em cinco das sete produções.

A tabela abaixo demonstra a frequência com que foram usadas as categorias de Charaudeau (2006): **proximidade espacial, valor simbólico, potencial de saliência e noção de atualidade.**

Tabela 1 – Uso das categorias de Charaudeau

	Proximidade espacial	Valor simbólico	Potencial de saliência	Noção de atualidade
1955 - Panorama Internacional		X	X	
1965 – Bormann continua vivo			X	X
1975 – Falece o protetor dos judeus			X	X
1985 – Polícia canadense procura Mengele, o “anjo da morte”		X	X	X
1995 – Escritor faz filme sobre o Holocausto	X	X	X	X
2005 – Líderes lembram 60 anos do fim de Auschwitz; Sharon ataca omissão		X	X	X
2015 – Depois de Auschwitz	X	X	X	X

Fonte: a autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da memória em produções jornalísticas impulsionou a realização desta pesquisa. Através de uma análise de conteúdo pode-se identificar como o Jornal Folha de S. Paulo se utilizou do recurso da memória para realizar o resgate histórico do Holocausto, um dos acontecimentos mais relevantes do século XX.

Ao longo dos anos as matérias utilizaram campos temáticos voltados especialmente ao potencial de saliência. Entre 1955 e 1985, o Holocausto ainda era tratado como um assunto muito atual. Durante este período, quando o acontecimento era abordado, ele vinha acompanhado de novas e relevantes informações e não trazia fortemente o tom de rememoração, apesar das publicações serem realizadas em data significativa para o fato.

Somente a partir de 1995 é que o teor memorialístico foi incrementado às produções relativas ao Holocausto. As novas informações continuaram a fazer parte das matérias, mas o valor simbólico pelo aniversário de libertação dos prisioneiros de Auschwitz começou a ser explorado de maneira significativa. Da mesma forma, as produções estavam carregadas, ainda mais, de potencial de desordem, de drama humano. Entre 1995 e 2015, os leitores puderam se sentir mobilizados e comovidos pelo Holocausto, mesmo distante espacialmente - o que configura, geralmente, o pouco uso do valor de proximidade espacial ao fato, apesar de a mídia costumeiramente buscar pessoas próximas que de alguma forma tenham sido afetadas pelos acontecimentos ou que o tenham vivenciado.

No jornal Folha de São Paulo, o meio adotado para suprir o distanciamento espacial dos acontecimentos, foi a utilização do drama humano. Apenas duas produções se preocuparam em situar os leitores brasileiros e citarem o Brasil. São matérias escritas em 1995 e 2015 e que passaram a interessar mais de perto o cidadão que consome as produções. Esse potencial de saliência demonstrado nas produções e que de certa forma supriu o distanciamento espacial, é o que configura, de acordo com Rodrigues (1993), a condição de que os acontecimentos referentes ao Holocausto, sejam pertinentes do ponto de vista jornalístico.

De fato, o jornalismo confirma seu status de lugar de memória, conferido por Pierre Nora (1993), pois é um meio precursor no registro de importantes notícias, que posteriormente serão utilizados como acontecimentos históricos. O aparecimento de novos personagens ou o surgimento de alguma nova informação provoca o reaparecimento do

passado com novas significações. Apesar do valor simbólico de datas comemorativas impulsionar as publicações - referentes ao Holocausto - não é mais necessário a incidência de um calendário para que o evento seja lembrado.

A emergente cultura de memória iniciada no século XX se estendeu para o século XXI e caracterizou e caracteriza as preocupações culturais, políticas e midiáticas registradas. O medo do esquecimento e o dever de fazer justiça através das lembranças impulsionam a contemporaneidade. A utilização da memória não é mero acessório de contextualização no jornalismo atual, mas é uma ferramenta útil para o presente e que possibilita ressignificar os acontecimentos passados.

REFERÊNCIAS

- ACERVO da Folha. Folha de S. Paulo. Disponível em: < <http://acervo.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- ALSINA, Miguel Rodrigo. *A construção da notícia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal. Editora Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Ed. Brasiliense, 1996.
- BERGER, Christa. Lembrar, esquecer, narrar, expor, anistiar, cobrar. Política de memória e memória midiaticizada. In: Christa Berger, Beatriz Marocco. (Org.). *Ilha do Presídio: uma reportagem de ideias*. 1. Ed. Porto Alegre: Libretos, 2008, v. 1, p. 21-23.
- BEZERRA, Julio. *A moral da memória: quando o cinema vai ao Holocausto*. Rio de Janeiro: Fronteiras, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COGGIOLA, Osvaldo. *A Segunda Guerra Mundial: causas, estrutura, consequências*. LF Editorial, 2015.
- ENNE, Ana Lucia. *Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional*. In: Revista Fronteiras. VI (2), 102-116, Porto Alegre, julho/dezembro 2004.
- ENNE, Ana Lúcia, TAVARES, Cristiane. *Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica*. Disponível em: <<http://www.castelobranco.br/pesquisa/docs/memoria2.doc>> Acesso em set. 2015.
- FOLHA de S. Paulo. Manual da Redação: *Folha de S. Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. 3.ed. Brasília: Liber Livro. 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- MOUILLAND, Maurice. (Org.) Sérgio Dayrell Porto. *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

POLLACK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Cpdoc/FGV. Rio de Janeiro, 1992.

PALACIOS, Marcos. *Convergência e memória: jornalismo, contexto e história*. São Paulo. 2010. Disponível em: <www.revistas.usp.br/matriz/es/article/download/38274/41083> Acesso em set. 2015.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993.